

- Escreva para VEJA
- Para anunciar
- Abril SAC

PÁGINA INICIAL

REVISTAS



VEJA

- Forças Armadas
- Índice

1 2 3 4 5 Assine!

- VEJA
- Veja São Paulo
- Veja Rio
- Newsletter VEJA
- Edições especiais
- Edições extras
- Edições anteriores

ACESSO LIVRE

• VEJA.com tem acesso liberado. Só as edições de VEJA com este símbolo são para assinantes.

Saiba mais.

BUSCAS

- Revista
- Notícias
- Capas
- Arquivo 1997-2007
- Arquivo 1968-1996
- Restaurantes, bares e comidinhas
- Guia internet

COLUNISTAS

- Antonio Ribeiro
- Betty Milan
- Diogo Mainardi
- Ed Motta
- Geraldo Medeiros
- Gustavo Ioschpe
- Isabela Boscov
- Lauro Jardim
- Mayana Zatz
- Reinaldo Azevedo
- Renato Dutra

COBERTURAS ON-LINE

- Eleições 2006
- Copa do Mundo 2006

SEÇÕES ON-LINE

Especiais

- Collor
- Julgamento do mensalão
- 10 anos de VEJA.com
- Aquecimento global
- Eu Digital
- Governo Lula
- Ronaldo
- Desastres naturais
- II Guerra Mundial
- Regime Militar
- 50 anos do Rock
- Brasil nas Olimpíadas

REVISTAS

VEJA

Edição 2036

28 de novembro de 2007

- ver capa

NESTA EDIÇÃO

- Índice
- Brasil • Internacional
- Geral • Economia • Guia
- Artes e Espetáculos

COLUNAS

- Stephen Kanitz
- Millôr
- André Petry
- Diogo Mainardi
- Roberto Pompeu de Toledo

SEÇÕES

- Carta ao leitor
- Entrevista
- Cartas
- VEJA.com
- Holofote
- Contexto
- Radar
- Veja essa
- Gente
- Datas
- Auto-retrato
- VEJA Recomenda
- Os livros mais vendidos

Publicidade

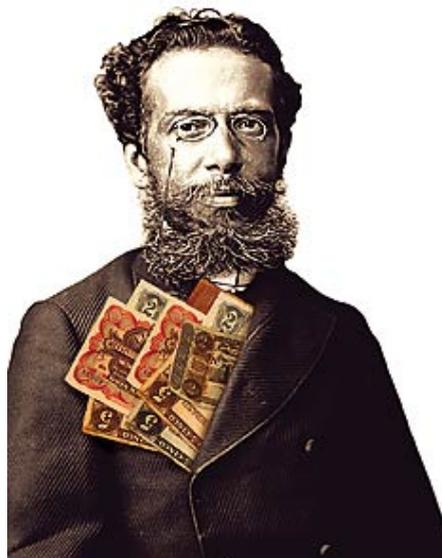
Livros

Pecados do capital

Crônicas de Machado de Assis revelam a barafunda econômica de sua época – e a posição sinuosa do autor sobre o tema

Jerônimo Teixeira

Montagem sobre fotos de Marc Derrez, Luis Eduardo Tostes/Lumen



Na montagem, Machado de Assis com cédulas de seu tempo: investidor ingênuo, ele acreditou nas apólices da dívida brasileira

"Finanças das finanças, tudo são finanças", diz Machado de Assis (1839-1908), em uma crônica de 1892. A frase tem aquela qualidade esquiva típica do autor. Parece exaltar a importância dos temas financeiros, mas também carrega uma insinuação de censura moral.

"Vaidade das vaidades, tudo são vaidades", diz o Eclesiastes – a paráfrase bíblica de Machado trocou o pecado capital pelos pecados do capital. Essa ironia no trato de bolhas financeiras e desvalorizações monetárias dá o tom de **A Economia em Machado de Assis** (Jorge Zahar; 272 páginas; 44 reais), coletânea organizada pelo economista Gustavo Franco, ex-presidente do Banco Central. O admirador de Machado terá o prazer de observar a história econômica da virada do Império para a República através do pincenê do autor de *Dom Casmurro*.

Franco selecionou 39 crônicas (duas delas em forma de versos), que vão de 1883 a 1900. Foi um período economicamente conturbado. Imperava o caos monetário, com vários bancos autorizados a emitir cédulas ou títulos da dívida pública. Entre o fim do Império e o início da República, houve uma

VEJA TAMBÉM

Exclusivo on-line

- Trecho do livro
- Podcast Radar on-line: Gustavo Franco fala sobre seu livro *A economia em Machado de Assis*

- Conheça o país
- Cronologia
- Em profundidade
- Perguntas e respostas
- Em dia
- Educação
- Saúde
- Testes

MULTIMÍDIA

- Trechos de livros, músicas e filmes
- VEJA no celular
- Vídeos

O MELHOR DA CIDADE

- Nacional
- ABC
- Belém
- Belo Horizonte
- Brasília
- Campinas
- Curitiba
- Espírito Santo
- Fortaleza
- Goiânia
- Lisboa
- Manaus
- Natal
- Porto
- Porto Alegre
- Praia - Baixada Santista
- Recife
- Rio de Janeiro
- Santa Catarina
- Salvador
- São Paulo
- Vale do Paraíba

explosão de euforia especulativa na Bolsa do Rio de Janeiro, o chamado Encilhamento. Não passou de uma ilusória "bolha", que estourou em 1891, quando Rui Barbosa era ministro da Fazenda. Machado de Assis, aliás, faria um retrato sarcástico desses desvarios financeiros na figura do especulador Nóbrega, de *Esaú e Jacó*, romance de 1904. Em uma crônica contemporânea à crise, ele trataria o problema com certo desdém: o Encilhamento afigura-se apenas como uma rua obstruída pela multidão agitada que se aglomera em frente à bolsa.



O subtítulo da coletânea é muito apropriado: "O olhar oblíquo do acionista". Machado demonstra um curioso interesse pelas assembléias de acionistas – e critica o desinteresse destes em participar da administração de seus fundos. Várias crônicas repetem a máxima de que o acionista "se importa mais com os dividendos do que com os divisores" (administradores). Nas esclarecedoras introduções e notas às crônicas, Gustavo Franco lembra que o vilão machadiano não é exatamente o acionista que se conhece hoje. A partir de uma sugestão do jurista e historiador Raymundo Faoro, Franco lembra que o termo mais apropriado talvez fosse não "acionista", mas "rentista" – o proprietário ocioso que vive de rendas, como o protagonista de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. O investimento em ações ao tempo de Machado obedecia a uma lógica estranha: graças à oferta de crédito (e ao mais irresponsável dos fiadores: o governo), garantiam-se dividendos sobre lucros fictícios. Era um investimento sem risco. "Embora aparentado, este não é o capitalismo de nossos dias", observa o organizador da coletânea.

Gustavo Franco já organizara antes outra coletânea dedicada ao pensamento econômico de um gênio literário. Em *A Economia em Pessoa*, o poeta português Fernando Pessoa defende causas surpreendentemente atuais, como a liberdade de comércio e a limitação às intervenções estatais. A crítica de Machado ao "acionista" é mais difícil de definir. Seria ele um liberal "moderno" a atacar a irracionalidade de um sistema que era capitalista só pela metade? Ou um empedernido conservador, avesso às inovações do capital financeiro? Machado foge às posições claras. Prefere a postura olímpica de quem se aborrece com temas mezinhos como o déficit público. Essa atitude sobranceira talvez tenha cobrado seu preço: o testamento do escritor, reproduzido no capítulo final de *A Economia em Machado de Assis*, revela que ele aplicou grande parte de seu patrimônio em apólices de um empréstimo internacional tomado pelo Brasil em 1895. Escritor malicioso, investidor ingênuo: o governo nunca resgataria o valor real dessas apólices.

Publicidade